

# MARIA LUIZA

DRAMA ABOLICIONISTA E HISTORICO

EM 2 ACTOS

POR

João Clodoaldo

ESTUDANTE DA FACULDADE DO RECIFE

Auctor do AMANTE MYSTERIOSO e do RAMALHETE, (já publicados),  
e de ELVIRA, A PERDIDA AO PÉ DA CRUZ, presidente do  
club abolicionista « José Bonifacio », membro dos clubs  
abolicionistas « Luiz Gama », « Eduardo Carigê »  
e « Pamphilo da Santa Cruz »



BAHIA

LITHO-TYPOGRAPHIA DE J. GONÇALVES TOURINHO

Largo das Princesas n. 15, 2º andar

—  
1888

## **Meus mestres e meus benemeritos amigos**

**Cons. Dr. João Capistrano Bandeira de Mello.**

**Capitão Raphael da Rocha Bittencourt.**

**Dr. João Candido da Silva Lopes.**

**Dr. José Augusto de Freitas.**

**Exma. Sra. D. Victoria de Oliveira.**

**Dez. Emilio Lopes Freire Lobo.**

**Dr. Antonio Monteiro de Carvalho.**

**Eng. Antonio Lopes da Silva Lima.**

**Manuel Gonsalves Drummond.**

**Dr. José Izidoro Martins Junior.**

**Barão de Araujo Goes.**

**Adolpho Targini Accioly.**

**Cons. João Ferreira de Moura.**

**Conego Agrippino Borges.**

**Dr. João Baptista de Sá e Oliveira.**

**Dr. Alfredo Valle.**

**Pharmaceutico Leopoldino A. F. Tantú.**

**Coronel Leão Caldas Britto.**

**Francisco José de Macedo.**

**Dr. Antonio J. de Barros Sobrinho.**

Tão eloquente testemunho, parece-me, ainda não significa bem o que vos devo ; seja elle apenas o manifesto de minha segura gratidão.

## *Meu Charo Clodoaldo*

Li com toda a calma e attenção o seu drama MARIA LUIZA, e se me fosse permittido dar, sobre elle, um juizo, lhe diria que me agradou extremamente, e que, além de ser uma bella producção litteraria, é um livro de propaganda abolicionista, que ao ser lido por alguma joven, que, como a sua protogonista MARIA LUIZA, tenha na familia um membro, que possua escravos, estou certo que ella, por si só, vae transformar-se em um anjo, cujas supplicas arrancarão do captivoiro os nossos miseros irmãos.

Prosiga sempre, meu charo amigo, n'esse caminho, que é o do Bem e do Patriotismo.

No coração da mocidade é que se aninhão os mais puros e nobres sentimentos.

E's moço, e com a tua intelligencia podés' prestar relevantes serviços a causa, que, com grande enthusiasmo, abraçaste.

Pintas ao vivo o que se passa nas senzalas, e mostras a sociedade, descerrando o véo que occulta a escravidão, os horrores e os martyrios, que soffrem os miseros escravizados.

A mocidade é a esperanza da patria; é a mocidade sempre a primeira a sacrificar-se por ella.

Nada aproveitamos dos nossos antepassados, dos velhos nada temos a esperar.

E' da mocidade, é d'essa pleiade brilhante de que fazes parte, que a patria exige o sacrificio, e pede, qual mãe ao filho, a salvação de sua honra.

Do correligionario e amigo

ALFREDO VALLE.

## Aos alumnos da Faculdade do Recife

Uma vida em que não cae uma lagrima é como um d'esses desertos em que não cae uma gotta d'agua ; só engendra serpentes. Se tirarmos do rosto do obreiro o suor, das grandes causas o martyrio, da obra do artista a penna, do amor a tristeza, da vida essa corôa de cypreste que se chama a morte, não haveria fê e muito menos virtude, esperança, poesia, belleza e moral no mundo ; porque tudo que é grande nasce da dôr e cresce ao rego das lagrimas.

E. CASTELLAR.

### Meus Collegas :

Ha oito longos e penosissimos annos que o despotismo da duvida desviou-me de vosso seio atirando-me á terra feia do pessimismo.

Não sonhei de então no brilhantismo do futuro, que, com innumerados e arduos sacrificios, buscamos conquistar das bancadas scientificas, graças a erudição dos mestres.

O scepticismo havia me alquebrado!...

Entretanto na luta do desanimo com o dever pensei que cumpria-me sêguir na legião dos operarios do Bem em prol da raça, que um direito mal entendido soube servilisar.

O coração de accordo com a consciencia protestara então contra os dictames do pessimismo, e ensinara-me a escrever MARIA LUIZA na tenda dos Conselheiro Luiz Alvares, drs. Apselmo da Fonseca e F. Lisboa, Carigé, A. Coelho, P. da Santa Cruz e outros, que na patria

## VIII

de Rio Branco são o regimento intemerato do abolicionismo.

E assim nas paginas d'esse humilde producto não esqueci-me de imprimir os nomes immortalizados de Dantas, João Alfredo, J. Bonifacio, Saraiva, Ruy Barbosa, Nabuco, J. Marianno, Antonio Prado, A. Celso, S. da Motta, C. de Oliveira, Octaviano e outros, nossos chefes prestimosos, generaes fidelissimos n'essas lutas, que só têm por louros a integridade nacional.

E esta evolução sacratissima ensina-me a voltar a vosso seio, onde vou reler as leis dinamicas da santa Liberdade!

Dedico a vós — apóstolos do Bem — advogados do Direito — essas modestissimas paginas ennobrecidas apenas pelos nomes dos bons servidores da propaganda da redempção.

Não levarei a mal a malevola exposição do zoilo, que repugno, da mesma sorte que não me ferirá a opinião insensata do fidalgo, que menospreza meu protesto á violação, que elle, em nome do demerito, faz ás imponentes leis do sacro direito natural.

Podeis aquilatar o meu trabalho, e por isso preferivos: não sabeis, estou certo, as leis do indifferentismo; sois educados na grande escola do seculo.

Acceitai-o, para que possaes encontrar em breve nas vossas fileiras o companheiro de armas —

CLODOALDO.

**MARIA LUIZA**

## PERSONAGENS

Coronel Campos, fazendeiro .....	65	annos
Dr. Monteiro, seu genro .....	35	»
Dr. Silva Lopes, medico .....	38	»
Dr. Freitas, juiz de direito.....	33	»
Guedes Corrêa, mulato, vendedor de es- cravos .....	45	»
Marcos Vidal, feitor da fazenda, mulato	40	»
Alfredo, escravo, mulato .....	22	»
Bruno, escravo, creoulo.....	30	»
D. Maria Luiza, espoza do Dr. Monteiro	29	»
Julietta, mucama, mulata .....	18	»
Thereza, liberta, fiel da casa de morada, creoula .....	75	»

A scena dá-se na provincia da Bahia.

EPOCHA — ACTUALIDADE



# MARIA LUIZA



Casa de campo ricamente preparada. Uma entrada de cada lado, outra ao fundo. Ao levantar-se o panno G. Corrêa passeia na sala esperando o coronel Campos.

## ACTO I

### SCENA I

G. CORRÊA — Realizando a vendagem dos vinte negros será bôa pechincha agora, que estão dando bom dinheiro em Cannavieiras. E hei de fazer n'este negocinho, em um abrir e fechar de olhos, um conto de réis, mais ou menos. (*Pausa*). Nada melhor, senão dar dinheiro a premio. Ha doze annos que vivo d'esta agencia; e, além de uma bôa propriedade, já possuo quinze contos em moeda...

CORONEL CAMPOS (*pelo fundo*) — Por aqui ha muito tempo?..

G. CORRÊA — Cheguei ha poucos instantes; fiz-me annunciar, e esperava, portanto, o sr. coronel.

CORONEL CAMPOS — Bem ; vamos ao almoço, quando conversaremos sobre o assumpto. E' de crêr que o amigo dê conta da tarefa de que vai incumbir-se.

G. CORRÊA — Se val alguma cousa a pratica. . . .  
( *Rindo-se* ).

CORONEL CAMPOS — Não duvido de sua pericia ; apenas recommendo mais interesse pela qualidade da fazenda. São vinte negros robustos, sadios, excellentes, portanto, para a encommenda que tem. ( *Dirigem-se para a esquerda* ).

G. CORRÊA — Não tenha receio. Defeituosos que fossem alguns, procuraria dar valor satisfactorio. ( *Desapparecem* ).

## SCENA II

Julietta, só, da direita

JULIETTA — Agora é que a fazenda vae soffrer o que nunca se pensou. A retirada de iaiasinha para a cidade vem dar logar ás diabruras d'este malvado feitor. Já ouvi fallar que sinhô quer vender uns rapazes, e isto é um mau signal. ( *Arrumando e limpando os moveis* ). Eu não sei agradecer a Nossa Senhora a caridade, que me fez a finada em me tirar da senzala e mandar me ensinar a lêr e a costurar. Mãe de Deos lhe dê o reino da Gloria e abençoê iaiasinha, sempre bôa para todos nós. ( *Pausa* ). Sinhô não é mau ; mas, quando está com o desgraçado feitor, fica como louco. ( *Assenta-se pensativa* ).

## SCENA III

A mesma e Alfredo, de faca em punho

ALFREDO (*do fundo*) — Julietta... Julietta...

JULIETTA (*assustando-se*) — Alfredo!... Que tens tu?

ALFREDO — Escuta, não descubras meu segredo. Estou desesperado, e tu és escrava como eu.

JULIETTA — O que viste? Para que esta faca?

ALFREDO — Venho dizer-te que digas a iaia-sinha que me proteja por alma de sinhá, se eu fôr seguro pelo capitão do matto.

JULIETTA — O que vaes fazer?

ALFREDO — Fugir para não matar. Já não posso soffrer; e se hei de ser um galó... vou embora, Julietta, talvez sem esperanças de ver-te um dia.

JULIETTA (*triste*) — Tua mãe e tua irmã não são libertas?

ALFREDO — São; e, confiado n'ellas, vou soffrer tudo. São vinte que têm de ser vendidos para Cannavieiras; e bem vês que, lá, longe d'ellas, longe de ti, meu soffrimento não tem remédio... (*Ajoelhando-se*). Não te esqueças de lembrar a iaiasinha que seja minha defeza. (*Levanta-se*).

JULIETTA — E o capitão do matto, Alfredo?

ALFREDO — Trago uma faca, uma foice e uma garrucha.

JULIETTA — Que hei de aconselhar-te?! (*Indecisa*). E' verdade que o corrector está ahí com sinhô. (*Calma*). Peço-te que não me esqueças, nem me compromettas com tua partida.

ALFREDO — Nunca, Julietta; sou escravo, mas não perdi o sentimento na senzala.

JULIETTA — Nada tenho a dar-te ; mas, leva no pescoço a oração de S. João, que livrar-te-ha dos algozes. (*Entrega-lhe*).

ALFREDO (*agradecido*) — Deos te ajude... e se um dia... (*Limpa os olhos*) adeos, Julietta ; lembra a iaiasinha minha sorte. (*Sae pelo fundo*).

JULIETTA — Deos te acompanhe. (*Voltando ao palco*). O que será de Alfredo, se o capitão do matto trouxe-o amarrado? Que desgraçada sorte a do escravo?! Como é possível terminar os dias, longe, sem noticias dos que lhe amão! Oh! Se iaiasinha não fosse extremosa para mim partiria agora comsigo. Mas, ella acudir-lhe-ha ; eu peço. (*Ouve passos*). Misericordia!.. ahí vem gente... e eu... (*Continúa a limpar a sala*).

#### SCENA IV

A mesma e o Dr. S. Lopes, do fundo

Dr. S. LOPES — O dr. Monteiro?

JULIETTA — Está, sim senhor. Determinou que eu fizesse entrar quem lhe procurasse.

Dr. S. LOPES — Então deixo aqui o chapéu. (*Deixa n'uma cadeira e dirige-se a esquerda*). Com licença. (*Desapparece*).

JULIETTA — Gosto muito do dr. Lopes, é tal qual o marido de iaiasinha. Falla com a gente de um modo tão delicado, que parece ter pena da sorte dos captivos. (*Pausa*). O corrector não ha de gostar da presença de iaiasinha na meza, nem a de seu marido, e muito menos agora da do dr. Lopes. Aposto que ainda nada conversou com sinhô.

A cousa, desconfio, elles vão fazer sem ninguem saber. Quero estar por lá para ver se pesco. (*Entra pela esquerda*).

## SCENA V

D. Maria Luiza e Thereza, do fundo

D. M. LUIZA — Não sei que ha de succeder entre mim e este individuo, de quem não posso gostar. Sempre que o vejo entrar em casa de papai procuro disfarçar, até não encaral-o. Não era possível conservar-me por mais tempo á meza, e foi muito conveniente entrar o sr. dr. Lopes para ter uma desculpa e retirar-me pelos fundos da casa. E estou certa de que elle sabe quanto repugno este vendedor de gente, que papai tem á sua meza.

THEREZA — Na verdade, iaiasinha, não ó gente que se olhe com bom coração. Estes ciganos fazem o *horto* e a *prisão* entre os senhores e os escravos a troco de qualquer dinheiro. O sr. dr. Lopes, eu reparei bem, não lhe estendeu a mão.

D. M. LUIZA — Nem podia. Abolicionista, como é, tem mais odio de um vendedor de gente que mesmo o escravo, que é a victima. Ha um anno e mezes que morreu seu pai, e, ao completar esse anniversario, libertou os dezeseis que possuia, de accordo com a senhora sua mãe.

THEREZA — E não se ha de arrepender. Deus lhe ajude a fazer sempre o bem.

D. M. LUIZA — Não é isto só, tia Thereza; não querem abandonal-o por modo algum.

THEREZA — Já vê, iaiasiuha, que elle não pode olhar bem para este malvado que ahi está.

D. M. LUIZA — E papai vae andando mal; escuta

as arengas de seu feitor contra os escravos ; já tenho observado.

**THEREZA** (*interrompendo*)—O Marcos?

**D. M. LUIZA**—Sim, este typo, affeito as torpezas e series do mal, que ha de votar horror a moral e seus dictames, é capaz de açoitar e matar todos os escravos de papai, da mesma sorte que é facil dar-lhe um tiro, se despedil-o hoje. A sua missão, além de má, inspira-lhe os gozos do carrasco. Tenho serios preludios contra este homem.

**THEREZA**—E eu, iaiasinha, tambem não posso gostar d'elle. Não falle a ninguem ; mas, antes de seu casamento o mulato Amancio, lacaio de sinhô, foi surrado de modo que, dizem, morreu d'isto.

**D. M. LUIZA** (*indignada*)—E papae ? !... (*Pausa*). Oh ! Isso é horrivel...

**THEREZA** (*receiosa*)—Ah ! Não me comprometta... Que elle ia fazer ? Fechou os olhos acreditando ser outra cousa.

**D. M. LUIZA**—Então papae perden a autonomia ! Este demonio é senhor de sua vontade ! E' capaz de matar-me ao saber que não consinto tanta covardia. Não comprometto-lhe, tia Thereza ; mas, hei de enxotar esta vibora do seio das victimas.

**THEREZA**—Mas, não se esqueça do corrector. Lembre-se que o segredo é a alma do negocio.

**D. M. LUIZA**—E' exacto. Preciso estudar esses mysterios. (*Saem pela direita*).

## SCENA VI

Marcos Vidal, pelo fundo

**MARCOS**—... ainda que me custe a vida. (*Pausa*).  
Nem o patrão encontro. Será possivel que ja fosse

ao encalce do moleque? (*Pausa*). Não... Cabe-me com certeza esta victoria. (*Ri-se*). Eu não vê-lo n'estas unhas!... Não arrancar-lhe o couro como fiz no moleque Amancio!... (*Ri-se*). Se não fosse nascido na senzala não teria talvez tanto geito para meu cargo. E este braço nunca ha de cansar surrando um negro. (*Pausa*). Onde foi se esconder este patife?! (*Ri-se com mais escarneo*). Talvez se esquecesse de que na fazenda do coronel Campos eu seja o feitor! Com certeza julgou que escapasse de Cannavieiras. Que tolo!... (*Pausa*). Hei de trazel-o; e se o patrão não autorisar-me a surral-o, abandono sua fazenda e vou embora. Então rio-me d'elle tambem. (*Pausa*). E' conveniente entender-me comsigo; nada de perder tempo. E' possivel que esteja por aqui... (*Entra pela esquerda*).

## SCENA VII

Julietta, do fundo, depois D. M. Luiza, da direita

**JULIETTA**—Se não fosse ter medo de um grito de sinhô escutavã toda a conversa desde que ioiô foi com o dr. Lopes passear na fazenda. Alfredo fez muito bem em ter ido embora; a cousa é real. (*Pausa*). Que injustiça! Sinhô vender suas crias sem motivo, só porque o feitor entende assim! Quando elle tiver noticia de que Alfredo se foi, é que isto será peor. (*Pensativa e encostada á beira do palco*).

**D. M. LUIZA**—Que tens Julietta? Estás pensativa? Falla-me o que sentes.

**JULIETTA**—Iaiasinha, se pudesse abrir o coração, vocemecê conheceria tudo que se passa em mim, e

me daria consolo. Sua escrava receia ir em breve para o mangoal da fazenda. (*Limpa uma lagrima*).

D. M. LUIZA (*anciosa*)—Conta-me isso... Não tens confiança em mim?

D. JULIETTA—Porque não, se tenho um pedido a fazer-lhe? Sou a unica depositaria do segredo de uma victima, que ordenou-me confial-o a iaiasinha pedindo que por alma de sinhá, tão chorada por todos nós, não lhe desamparasse nunca.

D. M. LUIZA (*limpa uma lagrima*)—E' pela memoria de minha santa mãe que agora peço-te: Falla-me, Julietta; o que não farei por ti?

JULIETTA—Sinhô vae-se tornando dia a dia mais severo; escuta e attende tudo que o feitor quer; e depois da morte de Amancio os escravos jurarão se vingar d'este malvado, por isso maltrata-os de todos os modos. Não sei como Alfredo soube que estava na lista dos vinte, que vão ser vendidos para Cannavieiras, e aqui, n'esta sala, entrou de faca em punho, disposto a tudo, pedindo-me que dissesse a iaiasinha que lhe protegesse, como expuz antes; porque fugia para não ser um criminoso. Lembrei-lhe que o capitão do matto lhe perseguiria; mas, respondeu-me que dispuha de uma foice e de uma garrucha. (*Cabisbaixa*).

D. M. LUIZA — Coitado de Alfredo!..

JULIETTA (*continuando*) --Então tirei do meu pescoço a oração de S. João e dei-lhe; respondeu-me assim: Deus te ajude... e se um dia... adeus, Julietta; lembra a iaiasinha minha sorte. (*Pausa.*) E partiu! (*Deixa se conhecer que chora*).

D. M. LUIZA — Tua dedicação, Julietta, ensina-me conhecer mais de perto teus bons sentimentos. Não chores; bem sei o que significão tuas lagrimas; acredito muito em ti, e juro que se não me fosses



leal terias partido tambem. Hei de pagar-te bem tão rara dedicação.

JULIETTA (*ajoelhando-se*)— Confesso que sim; mas, seria cruel deixar-lhe...

D. M. LUIZA, (*levantando-a*)— Levanta-te. Não pensei que no captiveiro o amor cedesse a esta gratidão. Agora devo partilhar mais da cruenta intimidade da senzala; a veneração á memoria de minha mãe, que invocaste, é a luz, que guiar-me-ha em prol dos captivos. E ao começar esta sagrada tarefa declaro-te liberta, Julietta, convencida de que meu espozó applaudirá este acto de caridade. O infeliz escravo de papai, a quem o seu malvado feitor não tocará o dedo, porque não consentirei; em breve, liberto tambem, te desposará. Abraça-me; o pudor e a dignidade de virgem não se macularão nos negros do captivismo. (*Abraça-se*).

JULIETTA — Que é isto, iaiasiuha, que só minhas lagrimas sabem agradecer-lhe? (*Limpa os olhos*). Ah! Não foi de balde que de joelhos roguei a Deus pela hemaventurança de sinhá, que continua a proteger-me!

D. M. LUIZA — E antes que elle tenha o labéu de fujão no seio dos outros, Julietta, farei alguém seguir já a seu encontro ou de sua velha mãe annunciando-lhe que aqui fico em sua defesa. Papae ha de ceder. (*Saem pela direita*).

## SCENA VIII

Coronel Campos, G. Corrêa e Marcos, do fundo

G. CORRÊA — E' mais um incommodo...

MARCOS — Mas, elle ha de vir... Estes negros

quando passão uns dias sem couro gostão de taes passeios . . . O tronco vingará tudo, patrão.

CORONEL CAMPOS—Pois bem, aqui tem 50\$000 para suas despesas. (*Entrega ao Marcos*). Preciso d'este patife.

MARCOS—Não tenha receio, patrão; é possível que anoiteça aqui. Quando seu feitor não encontrar-o é porque já elle está enterrado.

G. CORRÊA—Permitta Deus que não seja infeliz na caçada.

CORONEL CAMPOS—Como este patife desconfiou?! Assim que chegar toma uma grande surra.

MARCOS—Não tem duvida. Até a volta. (*Sae pelo fundo*).

CORONEL CAMPOS (*á porta*)—Não poupe sacrificios. (*Voltando ao palco*). Isto veio inquietar-me. Hei de acabar os rebeldes . . .

G. CORRÊA—Então temos decidido o preço, Sr. Coronel.

CORONEL CAMPOS—Não.

G. CORRÊA—E' um só que offereço. Servem-lhe 22 contos?

CORONEL CAMPOS—Não seja esta a duvida. (*Aparte*) Este tratante veio atrapalhar tudo.

G. CORRÊA—Sempre nos entendemos. (*Apertão as mãos*).

CORONEL CAMPOS—Vamos ao gabinete fechar a negociata, e depois a fazenda.

G. CORRÊA—Como quizer. (*Saem pela esquerda*). O negro volta, não se veixe.

## SCENA IX

Drs. S. Lopes e Monteiro, do fundo

DR. MONTEIRO— . . . e é tão nojenta instituição

que, por sua pusillaniedade, cumpre-nos trabalhar.

DR. S. LOPES—O medico mais que todos, parece-me, conhece o que ha de mais barbaro, triste, hediondo no scio d'esses desgraçados. Repugno-a de tal sorte que perpetuei a memoria de meu pae libertando os que possuia, de accôrdo com minha bôa mãe. E, coitados, não abandonarão o lar, onde nascerão commigo. Vivemos cercados por elles, que constituem nossa familia. E cumpre dizer-te que vae n'isso grande contentamento para minha velha mãe.

DR. MONTEIRO—E' minha ambição colonisar a fazenda de meu sogro; mas, é uma difficuldade, que não sei se vencerei. Escravista inabalavel, acreditará que tenho revoltado seus escravos, e provirá uma discordia em familia. Se não me é possível beneficiat-os aqui, hei de procurar na magna questão do elemento servil um meio de facilmente chegarmos ao fim desejado.

DR. S. LOPES—E' de esperar que a illustre camara actual dê um golpe, que, se não fôr fatal ao escravismo, ao menos abata-lhe.

DR. MONTEIRO—O impçsto oneroso na torpe mercadoria, v. gr.

DR. S. LOPES—Excellent. E terás agradecimento de milhares de victimas.

DR. MONTEIRO—O homem já não deve ser o genero no commercio dos homens. A civilisação começou a derribar os feios castellos do despotismo; ha de extinguir, sem demora, as catacumbas das fazendas. O braço livre é a expressão da vontade nacional. A lei 28 de Setembro, que immortalizou o bahiano illustre, foi o alerta as sentinellas da Patria, que acastellavão-se nos mysterios do

Futuro. Cumpre-n'os esse sacratissimo desempenho.

DR. S. LOPES—Muito bem; tua palavra authorisada defenderá brilhantemente a causa nacional. A redempção dos captivos é a regeneração politica do paiz, significa o seu engrandecimento social.

DR. MONTEIRO—E nos banquetes da Liberdade ufanar-me-hei da extincção dos corvos, que ainda se nutrem do sangue das victimas.

## SCENA X

Os mesmos e D. M. Luiza, da direita

D. M. LUIZA (*sem vêl-os*)—Hei de ser seu legitimo patrono... (*Vendo-os*). Ah! Inquieta pelo resultado...

DR. MONTEIRO—Que tens, Maricota?

DR. S. LOPES—Necessariamente alguma contrariedade...

D. M. LUIZA—Não; tenho a meus hombros uma cruz immensa, mas, bella. Estimei encontral-os para auxiliarem-me na empreza, que, sem consultar-te, comecei, apoiada nos teus bons sentimentos. (*Ao marido*).

DR. MONTEIRO—Uma esposa virtuosa encontra sempre a seu lado, nas mais serias emergencias, o esposo, que venera-a. Que recusarei a-ti?

D. M. LUIZA—Papai caminha precipitadamente pela estrada do crime; seu feitor é o guia fatal, e, eu a estrella, que, á ultima hora, ha de clarear o abysmo do seu opprobrio.

DR. S. LOPES—Muito bem, minha senhora; parece que vence tudo, comprehendo.

DR. MONTEIRO (*confuso*) — Mas, que ha, Maricota ?

D. M. LUIZA—Não ha muitos dias abandonou a fazenda de papai o seu escravo Alfredo, que, com mais dezenove devem ser vendidos para o sul da provincia; porque o feitor constituiu-se o mais feroz dos carrascos. A vingança succederão a anarchia e o morticínio; e, juro-te, repugno esta legitima de sangue; comecei a protegel-os.

DR. MONTEIRO—Que generosa esposa és tu !

DR. S. LOPES—A mais dedicada imagem do Bem !

D. M. LUIZA—E n'esta sala escutei os rogos de Julietta, unica testemunha do que se ha dado, que repetia-me a supplica do desgraçado no momento de partir. E ella ensinou-me a batalhar implorando meu auxilio pela veneranda memoria de minha mãe. (*Passa o lenço aos olhos*). Foi então que investiguei nos seus sentimentos a viva affeição, que une-os. Amão-se; e, para que n'este consorcio não haja immundicie alguma, declaro-te que libertei a nossa bôa Julietta. Espero agora que o confirmes. (*Dá-lhe um papel*).

DR. S. LOPES—E eu, minha senhora, serei feliz firmando meu testemunho.

DR. MONTEIRO (*ao mesmo tempo*)—E' impossivel que teu coração não seja a grande fonte do Bem. (*Assignando-se*). Orgulho-me de ter desposado tão santa senhora. (*Ao dr. S. Lopes*) Assigne-se, doutor.

DR. S. LOPES (*assignando-se*)—Oxalá que a este succedão milliares de exemplos. (*Assigna-se e entrega o papel a d. M. Luiza*). Continue, minha senhora; os trabalhadores do Bem já não podem cruzar os braços. Sigamos, Deus nos protegerá.

D. M. LUIZA — Agradecida. Não fica entretanto aqui o meu empenho. A taca vil do feitor não offenderá Alfredo, nem menos insultará os brios de Julietta. E' minha questão capital. Já fiz seguir alguém a seu encontro communicando-lhe que aqui fico em sua defeza.

DR. MONTEIRO—De sorte...

DR. S. LOPES (*ao mesmo tempo*)—Muito bem, a causa que v. ex. defende não precisa de ciladas.

D. M. LUIZA—Certamente. Ha de entrar em casa de papai isempto das provações que se annuncia. O carrasco começará então a crêr que sua posição decresce por dignidade de uma familia. Conheço que papai é escravagista; mas, a ambição que tem na importancia de uma legião de infelizes não será maior que o amor a sua unica filha, herdeira d'este montão de cadaveres.

DR. S. LOPES—E então...

D. M. LUIZA—Guial-o-hei ao templo do Bem.

DR. MONTEIRO—E' possível; mas, os fazendeiros encarão-n'os como chefes de rebellião, anarchistas; de ordinario são homens sem educação esmerada, julgão que a abolição é um roubo.

D. M. LUIZA—Trabalharei, provarei que a imundicie da senzala é mais repulsiva que a atrocidade dos carceres; que é o pelourinho das familias, a maldição de uma raça que se procurou opprimir. Hei de attestar-lhe que as bagas de copiosissimas lagrimas de milhares de desgraçados provocão a maldição de Deus, Que não preside lupanares da opulencia, que vive d'ellas.

DR. MONTEIRO—Será custoso, principalmente pelo pouco tempo de que dispomos aqui. (*Pausa*).  
Emfim...

DR. S. LOPES, (*ao mesmo tempo*)—Concordo com v. ex. Deus permitirá que o sr. coronel acceda a suas humanitarias intenções.

D. M. LUIZA — Não recuarei, sr. dr.; a convicção de meu triumpho alimenta-se na gratissima recordação a memoria de minha santa mãe, que do regaço de Deus guia-me passo a passo. Demais, quando fôr impossivel a victoria d'esta conquista, porque de meu dote não se pode tirar uma somma pela emancipação de Alfredo?

DR. MONTEIRO — Oh! tu és o grande livro, onde estudarei melhor a causa, que advogamos. Não te inquietes; Alfredo seguirá comnosco para a còrte, onde, longe de teu pae, desposará tua Julietta sem que haja ataque a sua susceptibilidade.

DR. S. LOPES — O sr. coronel attenderá a v. ex. Alfredo será liberto sem a atrocidade do carrasco.

## SCENA XI

Os mesmos, coronel Campos e G. Corrêa, do fundo

CORONEL CAMPOS — Havemos de vêr se o moleque tem mais agilidade que o Marcos. (*Aos que estavam.*) Se soubesse que estavam aqui...

G. CORRÊA (*ao mesmo tempo*) — Não irei muito contente, sr. coronel, se retirar-me de sua fazenda sem o Alfredo; mas, até ver...

D. S. LOPES (*ao mesmo tempo*) — Julguei que ainda estivesse em conferencia.

DR. MONTEIRO (*a esposa*) — Não sejas precipitada.

D. M. LUIZA — Sim... peço teu auxilio... Comecemos destruindo o cynismo d'este vendedor de gente, monstro galvanizado.

CORONEL CAMPOS — O que tens, minha filha? Estás zangada com teu pae?

D. M. LUIZA — Ah! Se fosse possível despertar no regaço da Divindade a carinhosa senhora, que me foi luz, balsamo, consolação, não receiaria seguir agora para a côrte, porque é medonho, papae, o abysmo a que se lhe conduz.

G. CORRÊA (*aparte*) — Querem vêr?. (*Assustado.*) E eu não levo os moleques... (*Alto.*) Então, Sr. dr. Monteiro, está v. ex. prestes a fazer viagem?... A côrte é um pequeno mundo e é agradável...

DR. MONTEIRO — Certamente; e espero que da reunião d'este anno resultem importantissimas medidas para a lavoura.

CORONEL CAMPOS (*ao mesmo tempo*) — O que, Maricota? Não vês que estou habituado a estes desprazeres? Olha, o Sr. Guedes é um bom amigo.

G. CORRÊA (*interrompendo*) — E' honra de v. s. (*Aparte.*) Ella parece que me odeia... Venha o cobre, é o que quero. Que tabaroinha espivitada!

CORONEL CAMPOS (*continuando*) — Conhece que sou incapaz de illudir-lhe. A verdade de que o moleque Alfredo fugiu acaba de conhecer, desde que viu sair a seu encontro o Marcos, que, como sabes, é um excellente feitor.

DR. S. LOPES (*ao dr. Monteiro*) — Ridicula posição a de um agente de escravos. O cynismo d'este individuo revela a mais torpe vileza.

DR. MONTEIRO — Não é possível mais degeneração...

DR. S. LOPES — Escutemol-o.

D. M. LUIZA (*ao mesmo tempo*) — E que importa a este individuo, papae, a fuga de Alfredo?

G. CORRÊA (*aparte*) — E' bem atrevidinha!.. Ja sei; os moleques andão valentes, porque contão



com ella. (*Alto.*) Vim a um negocinho, e por isso...

CORONEL CAMPOS — Não sabes, Maricota, que o Sr. Guedes é agente de um importante fazendeiro em Cannavieiras?

D. M. LUIZA (*com desprezo*) — Ah! Portanto, é vendedor de gente!.. (*Ri com esgarço*).

G. CORRÊA (*disfarçando*) — Negocinho, que com serios sacrificios, deixa algum resultado para se comer apenas, minha senhora (*Aparte*). Hei de levar todos.

CORONEL CAMPOS — Pessoa de optima conducta.

G. CORRÊA — Generosidade do sr. coronel. (*Rindo-se*).

Dr. MONTEIRO (*ao outro*) — Que sem brio! Sociedade corrupta!

Dr. S. LOPES — O chicote já não faz effeito n'uma cara tão galvanizada.

D. M. LUIZA (*triste*) — Lamento, papai, ter se tornado indifferente aos sentimentos de sua filha, senão...

CORONEL CAMPOS (*interrompendo*) — Nunca, minha filha...

G. CORRÊA (*aparte*) — A coisinha está ageitando o velho; e ahí vem trovoadas feias. (*Pausa*). Se eu perco a parada!..

D. M. LUIZA (*ao mesmo tempo*) — Então, papai, seu feitor foi em busca de Alfredo?

CORONEL CAMPOS — E não tarda muito aqui.

D. M. LUIZA — E depois?

CORONEL CAMPOS — Soffrerá um castigo, e seguirá viagem com o sr. Guedes.

D. M. LUIZA — O que, papai?! Vai reduzi-lo a dinheiro?! A Alfredo?!

G. CORRÊA (*interrompendo*) — E' verdade; já tenho até o recibo. (*Mostra-lhe*).

Dr. S. LOPES (*ao outro*) — Approxima-se a luta...

Dr. MONTEIRO — E ella triumphs.

CORONEL CAMPOS (*ao mesmo tempo*) — E seguem com elle mais dezenove, que são os desordeiros da fazenda.

D. M. LUIZA — Mas, a que vem isto, papai? Accaso não lhe inspira compaixão este punhado de infelizes, por quem mãie tanto pediu-lhe nos seus ultimos momentos, quando comnosco cercava-lhe o leito? Onde os bons exemplos, os preceitos de moral, que aconselhou-me, e que substituem-se pela ambição, unicamente pelo contacto d'estes typos repudiados, verdadeiros demonios familiares? Esqueceu-se de tão grave compromisso?!

CORONEL CAMPOS — Sim, Maricota... tua santa mãe... não esqueci... mas...

G. CORRÊA (*aparte*) — O que quero é seguir viagem com este povinho; depois, lá se aguentem.

D. M. LUIZA — Se previsse que depois de meu consorcio com um homem de bem teria semelhante desgosto, certamente não concorreria para esse enlace. Como que escuto a vóz meiga de minha dedicada mãe dizer-me que papai acaba de aviltar sua memoria insultando seu genro, que tem pudor de encontrar na intimidade da familia a que ligou-se, entes que vivem de vender homens de sua côr.

G. CORRÊA (*aparte*) — O negocio todo é porque ainda não fui com os moleques. O que não quero é inutilisar o contracto. (*Alto*). E' um meio de vida, minha senhora,

Dr. S. LOPES (*ao outro ao mesmo tempo*) — Vai brilhantemente.

CORONEL CAMPOS — Minha filha, parece que me desrespeitas.

D. M. LUIZA (*altiva*) — Juro que nunca, papai. Interprete unica de minha mãe, sua infeliz esposa, faço apenas um protesto. Quero e devo manifestar a dôr que esmaga-me, para que não se diga que a filha do coronel Campos, na ambição do dinheiro, esqueceu-se tambem das supplicas ultimas da mãe, que tanto adorou-a. Isso é um crime! Sei que o feitor foi ao encontro de Alfredo; se ha cumprimento de um dever, afirmo que o seu desempenho é filho da barbara séde de vingança de um carrasco, como elle. (*Pausa*). Se tivesse ainda o direito de fazer-lhe um pedido... (*Com o lenço aos olhos*).

G. CORRÊA — Sr. coronel, creio que não faremos o que resolveu-se. (*Aparte*). Temos comedia hoje aqui na roça.

Dr. MONTEIRO — Se não fosse...

Dr. S. LOPES — Não... nunca... Deixa ferir-se a luta... E' possivel...

CORONEL CAMPOS (*ao mesmo tempo*) — Mas, explica isto, minha filha. Assim dás a entender que não sou bom pai... que tua mãe...

D. M. LUIZA — Ah! Por Deos! Não perturbe o somno dos justos... O seu negocio lhe val mais que a memoria de sua esposa. Um vendedor de gente... um excellent feitor têm mais jus á sua dedicação. Perdoe-me, já não tenho o direito de fazer-lhe um pedido.

CORONEL CAMPOS — Dize, Maricota, o que queres de mim?

G. CORRÊA (*aparte*) — Lá vai a cangica... Quero

saber se estou aqui de graça no theatro. (*Pausa*).  
Se tomo esta pitada ! . . .

Dr. S. LOPES — Que mulher intelligente ! .

Dr. MONTEIRO (*rindo-se*). — O velho está de  
*Herodes a Pilatos*.

D. M. LUIZA (*ao mesmo tempo*) — O que quero,  
papai ? ! A retirada d'este homem, a expulsão de  
seu feitor e a libertação de todos os seus escravos.  
Responda-me com a energia dos homens de bem ;  
porque, se tem deante de si uma fraca creatura,  
verá alli dous honestos cidadãos que testemunhão  
seus actos.

G. CORRÊA — Pelo que vejo, sr. coronel . . .  
(*Aparte*). E' agora a historia.

D. M. LUIZA (*indignada*) — Se podesse calal-o.

CORONEL CAMPOS (*depois de hesitar*) — E' já im-  
possivel, minha filha.

## SCENA XII

Os mesmos, Marcos, e depois Alfredo, do fundo

MARCOS (*entrando*) — Meus patrões . . .

CORONEL CAMPOS (*ansioso*) — Então ?

G. CORRÊA (*ao mesmo tempo*) — Pegou ?

Dr. MONTEIRO — Que canalha ! . . .

D. M. LUIZA — Não te excedas, espera.

Dr. S. LOPES — Sociedade aviltada ! . . .

MARCOS (*ao mesmo tempo que os tres ultimos*) —  
Qual ! Soube apenas que o virão de surrao, foice,  
garrucha e uma faca, reunido a outros em numero  
de vinte ou trinta.

D. M. LUIZA (*com escarneo*) — Que covardia de  
um capitão do matto !

CORONEL CAMPOS — Isto veio incommodar-me  
mais. (*Pausa*). Escrevi para a capital annun-

ciando na *Gazeta da Bahia* a fuga d'este patife, e gratificando bem a quem o trazer.

G. CORRÊA — N'este caso v. s. substituil-o-ha por outro, não, sr. coronel?

CORONEL CAMPOS (*attonito*) — Sim, far-se-ha tudo...

MARCOS — O patrão sabe que o seu feitor é de confiança...

D. M. LUIZA (*repentinamente*) — Cale-se ao menos ante nós; não arrogue-se tanto, uma vez que, por um principio grande, assisto tanta degradação! O liberto nascido na senzala, onde teve berço tambem o desgraçado que se quer immolar, é o mais apto a chicotear sua propria mãe, se fosse ordenado. Sim, cale-se aqui n'este instante, porque além de uma senhora, que vota horror a taes espectaculos, ha dous cavalheiros, que os repudião. (*Pausa*). A sociedade moralisada ha de conhecer este meu protesto.

G. CORRÊA (*aparte*) — Cada vez vai peor... Até o coronel perdeu a acção. (*Alto*). Então, sr. coronel?

CORONEL CAMPOS — Teu procedimento revolta-me, Maricota.

D. M. LUIZA — Sim, papai? E' possivel; uma vez que não me allio a estes bandidos. (*Pausa*) Como que ouço chamar-se-me... (*Escuta*) E é d'aqui. (*Dirige-se ao fundo*) E' verdade... E' a voz de algum desgraçado... (*Pausa*). Iaiasinha... Ouço perfeitamente. (*Pausa*) Vejo felizmente... (*Fóra da porta de onde volta alegre*) E' Alfredo, papai! (*Movimento geral*).

G. CORRÊA — Arrependeu-se?... (*Querendo dirigir-se a vél-o*) O bom filho...

MARCOS — Veio sempre?... (*Dirigem-se a porta*).

D. M. LUIZA — O que pretendem? (*Fal-os voltarem*) Vem, Alfredo; papai espera-te tranquillo. . .

CORONEL CAMPOS — E' o moleque?

MARCOS — E', patrão.

G. CORRÊA (*aparte*) — Temos novidade! Emfim, a platêa é gratis.

DR. S. LOPES — Chega nossa vez.

DR. MONTEIRO — Ella ha de triumphar.

D. M. LUIZA (*sem interromper-se*) — Aqui, onde vês dois algozes, que esperão-te de balde.

ALFREDO (*entrando*) — Iaiasinha. . .

D. M. LUIZA — Não é a mim; dirige-te a papai, que n'este momento perdôa-te.

ALFREDO (*ajoelhando-se*) — Meu senhor. . .

D. M. LUIZA (*levantando-o*) — Papai, peço que perdôe a este infeliz.

CORONEL CAMPOS — Já está tudo designado. (*Ao feitor*) Pode leval-o.

D. M. LUIZA (*interpondo-se*) — Nunca, papai; sua filha não será tão escandalosamente insultada! Estes mulatos libertos não tocarão no libertando, que, por decencia, pedi que perdoasse. (*Tem Alfredo pelo pulso*).

DR. S. LOPES — Muito bem.

D. M. LUIZA (*sem interromper-se*) — Decida papai; a questão é de brio.

CORONEL CAMPOS — Admira-me tua audacia! (*Ao feitor*) Não ouve-me?

D. M. LUIZA (*ri-se com desprezo*) Acima de sua dignidade, meu pae, meus brios. Abra preço pela liberdade de Alfredo. (*Solta Alfredo*).

CORONEL CAMPOS (*tenta contra ella*) — Não sabes que sou teu pae?

D. M. LUIZA (*calma*) — Pode batter-me; mas abra preço peia liberdade de Alfredo.

DR. MONTEIRO (*ao mesmo tempo e interpondo-se*) — Que é isto que acabo de assistir? Então o sr. ordena mais um assassinato n'esta fazenda? Vou requerer ao juiz da comarca a exumação do cadaver de Amancio e procederei na forma da lei.

G. CORRÊA (*aparte*)—Mau... a coisa vae longe. Temos defuntos.

CORONEL CAMPOS — Que fatalidade, sr. dr. Lopes!

DR. S. LOPES—E' conveniente, Sr. coronel, a libertação do rapaz.

CORONEL CAMPOS—Um conto de réis. (*Aparte*). Meu genro!

MARCOS (*aparte*) — Que desfeita!

G. CORRÊA (*aparte*)—D'isto sabia eu. Um pai sem autonomia.

D. M. LUIZA (*ao marido*)—Pague-se. Ficou escripto o meu protesto.

DR. MONTEIRO — Peço a meu amigo, sr. dr. Lopes, que escreva já o titulo emancipador de Alfredo, para que assigne-o o sr. coronel. (*Conta o dinheiro*). Aqui está um conto de réis; é bom verificar. (*Guarda a carteira e conversa com a mulher*).

CORONEL CAMPOS (*contando o dinheiro*) — Só assim eu perderia a luta. (*Pausa*) Está verificado. Estão vingados todos os que me desprestigião.

DR. S. LOPES — Leia e assigne-se, sr. coronel; somos testemunhas.

CORONEL CAMPOS (*assignando-se*)—Se não fosse a justiça... (*Olha irritado a Alfredo, que se conserva cabisbaixo*). Sei que perdi a força moral.

D. M. LUIZA—E' um engano, papai.

CORONEL CAMPOS (*deixando a carta sobre a meza*)—Ahi tem; agora pode empunhar contra mim a foice, a garrucha, porque tem quem dê-lhe

forças. Amanhã serei assassinado, sei perfeitamente.

D. M. LUIZA—Seria incapaz de beneficiar um assassino; a faca e todas as outras armas, de que elle dispunha, erão por sua defeza nos ataques d'estes carnicheiros. (*A Alfredo*) Nada tens que agradecer-me; os anjos de Deus n'este momento entoão o hymno da redempção, e minha mãe, n'esta festa do Cen, que foi a aurora de tua ventura, abençoa-me contente. (*Ao dr. Lopes*) Temòs vencido, sr. dr.

DR. MONTEIRO—Alfredo, se um dia tentares perseguir os que gemem ao peso do infortunio, de que acabas de separar-te, pela promessa do dinheiro que queima, avilta e ensanguenta, ah! prefere, jura por este momento grande de tua vida, o suicidio a maldição cruciante, que vem das agonias da senzala.

(*Aos dois*) Agora podem devorar todas as mais victimas da fazenda, porque ajustaremos contas um dia; brevemente.

G. CORRÊA (*aparte*)—Eu quero é saber o que vim fazer.

DR. S. LOPES (*a d. M. Luiza*)—Restão agora, minha senhora?..

D. M. LUIZA—Noventa e tres, sr. dr.

CORONEL CAMPOS (*caindo recostado no sofá*)—Desrespeito e insulto de uma filha ingrata!

MARCOS (*aparte*)—Hei de vingar-me. (*Junto ao patrão*).

G. CORRÊA (*equamente*)—Fiquei tal qual um engeitado!

D. M. LUIZA (*ao mesmo tempo*)—Agora o consorcio dos redimidos. Quero fazer presente d'esta carta a Julietta, que propositalmente não deixei assistir esta festa...



## SCENA XIII

Os mesmos e Julietta, da esquerda. Movimento geral

**JULIETTA** (*corre e abraça-se a d. M. Luiza.*)—  
Seria impossível, iaiasinha, deixar de lhe acompanhar occultamente n'estes momentos de duvida, que tão amargamente creei. (*Ajoelhando-se*) Deus, Que nos abençoá, espera que lhe agradeçamos supplicando a bemaventurança eterna de sinhá, a quem não posso beijar n'este instante, em que tudo significão minhas lagrimas. (*Com o lenço aos olhos*).

**D. M. LUIZA** — Sim, Julietta... (*Ajoelha-se*)  
Ella ouviu meu protesto e continúa a abençoar-n'os do seio de Deus. Façamos uma oração. (*Os mais conversão e o panno vae caindo vagarosamente enquanto Alfredo com timidez vae ajoelhando-se*).

CAE O PANNO

Fim do primeiro acto

A mesma casa. Ao levantar o panno vê-se Thereza ao lado da porta do fundo trabalhando em renda n'uma almofada

## ACTO II

### SCENA I

Thereza, só

**THEREZA** — Graças a Deus, iaia Maricota não tardou entrar por aqui com seu marido. Já estou aborrecida de tanta impertinencia de sinhô, já não posso vêr surrar dia e noite esta gente na fazenda; e Deus não se serve d'isto. (*Reflectindo*). Eu desconfio que ha por aqui grande novidade. Os escravos já não querem mais servir desde que ouvirão dizer que sinhô Dantas vae acabar a escravidão. (*Pausa longa*). Se não fosse sinhá ter me pedido que nunca abandonasse esta casa, na ausencia d'ella não ficava mais, Deus quer assim, vamos vivendo.

### SCENA II

A mesma e Julietta, da esquerda

**JULIETTA** — Tia Thereza, ainda cose renda?

**THEREZA** — É um regalo de velha, minha filha.

**JULIETTA** — Velha? (*Pausa*) Nem diga assim.

**THEREZA** — Vê la se eu posso estar apertadinha, como tu, que ja me parecees uma senhora de bem.

**JULIETTA** (*rindo-se*) — Como está gracejando!

Então ja sou uma senhora de bem? (*Muda de tom*).  
Se me visse na côrte...

THEREZA — Não parecias a tabaroinha da fazenda de sinhô...

JULIETTA—Que terra bonita, tia Thereza! Mais *chic* que a cidade...

THEREZA—Conta isso; eu faço ideia do que não pintaste...

JULIETTA—Ora si! Quando chegamos na cidade embarcamos para a côrte n'um rico vapor chamado *Senegal*, que tinha um luxo, tia Thereza, que sinhô não tem aqui.

THEREZA—E não tiveste medo do mar?

JULIETTA *Ohé!* Eu não... Nem pensava outra cousa senão vêr a côrte. (*Muda de posição*).

THEREZA (*com curiosidade*) — Anda ca, Julietta. (*Olhando a cintura*). Pois esta mulatinha ja não está me pondo mais velha?

JULIETTA (*disfarçando*) — Oxentes... Iaiasinha é a madrinha. (*Disfarçando*). Olhe, eu só andava a tilbury... Não perdia um espectáculo no *Sant' Anna*, no *Recreio*; assisti corridas, festas; fui a *Petropolis*, *Nitheroy*, nada de bom eu perdi, tia Thereza.

THEREZA — E moraste em lugar bonito?

JULIETTA — Ja se vê... no Botafogo. (*Pausa*). Se eu pudesse, não voltava cá.

THEREZA — E é melhor que a cidade?

JULIETTA—Ora, tia Thereza, nem se pergunta.

THEREZA (*costurando*) — Antes eu quero estar aqui cozendo minha renda e creando minhas gallinhas.

JULIETTA — Deus me livre... Uma mulatinha, como eu, casada, querida de sua iaia, ficar na roça? Para que?

THEREZA — Vae-te d'aqui... (*Rindo-se*).

JULIETTA (*saindo*)—É vou mesmo. (*Pausa*) Lembrei-me de uma cousa, que iaiasinha pediu-me. (*Sae pela esquerda*).

THEREZA — E' bem creança ainda. Deus continue a lhe dar bôa sorte. (*Guarda a costura*). Agora vou vêr os pintinhos. (*Sae pela direita*).

### SCENA III

Marcos e o coronel Campos, do fundo

MARCOS — Ora... o patrão mesmo teve culpa...

CORONEL CAMPOS — Ora essa... Como?

MARCOS — Dizendo o que se ia fazer á vista d'ella e do marido.

CORONEL CAMPOS (*hesita*) — E' verdade... Mas, não suppunha que protegesse os moleques. (*Pausa*) Vamos ao que nos interessa. As cousas andão mal para os senhores de escravos. O senador Dantas tem insuflado o povo de modo, què, em breve não ha um escravo. Aqui, na capital, o *Diario da Bahia*, a *Gazeta da Tarde* e o *Diario do Povo* têm aberto os olhos dos negros de um modo escandaloso.

MARCOS — E os negros levão o bocado á boca?

CORONEL CAMPOS — E' o que parece. A gente da *Abolicionista Bahiana*, onde estão os drs. Fonseca, Frederico, o Carigè, que é um teimoso de força, e o Pamphilo, faz o que lhe vem á cabeça. E' qualquer surrasinha... *Abolicionista*; e zás, la vem em cima da gente o Pamphilo, o Carigè, o *Diario do Povo*, a *Gazeta da Tarde*, tudo.

MARCOS (*animando-se*) — E a policia, patrão? Não se pode mettel-os na cadeia?

**CORONEL CAMPOS**—Qual policia... E' a primeira a proteger os negros; os senhores é que ficão arriscados. Não ha mais policia no paiz.

**MARCOS** (*irado*) — Não tem nada; vamos inventar que saiu uma lei para os senhores matarem, surrarem e venderem.

**CORONEL CAMPOS** — Só de tua cabeça... Estás doudo? E elles fugindo não denuncião? (*Pausa*). Ainda não ouviste meu genro?..

**MARCOS** — Ah?! Foi elle que trouxe esta nova? (*Pausa.*) Não acredite, patrão; é para não se surrar mais aqui.

**CORONEL CAMPOS** — Qual! Eu li, e ja ouvi o dr. juiz de direito dizer que breve acaba-se a escravidão.

**MARCOS** — E como ha de ser?

**CORONEL CAMPOS** — E' que libertos por um decreto só se trabalha com alugados. No *Amazonas*, no *Ceará* e outros logares, ja não existe um só escravo. Em *Pernambuco* ha um tal dr. José Marianno, um dr. Martins Junior, o dr. Joaquim Nabuco, o Cassiano Lopes e outros, que são como os da capital. No *Rio* ja não se falla; existem o Patrocínio, o Clapp. Em *S. Paulo*, um só libertou, não sei se dous mil escravos; a capital ja está livre; isto é certo.

**MARCOS**—Então a cousa está feia?!

**CORONEL CAMPOS** — Ora...um escravo não val 200 reis...

**MARCOS** (*aterrado*)—O que, patrão?! (*Pausa*) E não se pode dar um nó aos taes cabeças!...

**CORONEL CAMPOS**—Qual nada... Isto é o diabo... É por isso que estes safados andão de cabeça inchada. Diabo leve semelhante partido abolicionista. Os negros fogem dia a dia, e não se vê um só.

MARCOS (*meigo*) — Si o Guedes desse um geito...

CORONEL CAMPOS — Dizes bem; e eu o espero. Aquelle freguez é intelligente e practico. (*Hesita*). Anda cá; vamos ao gabinete fazer uma conferencia, pois preciso fazer umas notas dos patifes.

MARCOS — Vamos, vamos, patrão. (*Suem pela direita*).

#### SCENA IV

Drs. Monteiro e S. Lopes, depois Alfredo, da esquerda

DR. S. LOPES — E resolve-se assim o problema...

DR. MONTEIRO — Apesar da seria resistencia de alguns homens atrasados.

DR. S. LOPES — O cons Dantas é um patriota, que não descansa; seus discursos sobre abolição são de grande alcance. (*Pausa*). Já tive occasião de communicar a teu sogro os altos movimentos acerca da abolição no paiz; mas elle está seriamente desgostoso.

DR. MONTEIRO — Expliquei-lhe tudo occorrido; e, se lhe fosse possivel, terminaria os abolicionistas. A população, dia a dia, funda associações, as conferencias succedem-se, e julgo que brevemente não existirá um escravo. A abolição não é questão politica.

DR. S. LOPES — Parece-me. O Governo, entretanto, deve estudar meios licitos, para que não se transformem em sicarios e vagabundos esses homens, que se redimem.

DR. MONTEIRO — E' um corollario do grande problema. Se meu sogro não fosse pertinaz n'estes principios inveterados lhe aconselharia um meio util e humanitario.

DR. S. LOPES—Já tocaste n'este assumpto. A colonisação é um excellente systema; é do que está intimamente convicto o ex-representante liberal do 5.º districto na assembléa provincial; embora a sua colonia seja de familias livres e nacionaes.

DR. MONTEIRO—O coronel Caldas Britto?

DR. S. LOPES—Justamente. Cavalheiro de excellentes intenções; caracter a toda prova.

DR. MONTEIRO—Conheço de perto. E' possível que com os factos...

DR. S. LOPES—Estou de accordo; o sr. coronel, embora esteja habituado ao systema do escravagismo, parece-me entretanto, não ser homem de má indole.

DR. MONTEIRO—E deve attender as circumstancias... A questão é de um decreto imperial... E' de tempo unicamente. O actual gabinete é abolicionista, pode resolvel-a.

ALFREDO (*da esquerda*)—Está tudo prompto.

DR. MONTEIRO—Sim...

ALFREDO—Ordena alguma cousa?

DR. MONTEIRO—Nada absolutamente.

ALFREDO—Vou tomar conta dos animaes. (*Sae pelo fundo*)

DR. S. LOPES—Podemos ir.

DR. MONTEIRO—Será uma verdadeira surpresa.

DR. S. LOPES—E' um juiz digno de todos os elogios.

DR. MONTEIRO—E bem considerado na politica. Si não fosse esta maldita situação... (*Vão saindo pelo fundo*).

DR. S. LOPES—E' o prejuizo dos partidos militantes atrophiar o merito. (*Desapparecem*).

## SCENA V

Thereza, da esquerda, depois Alfredo, do fundo, e depois Julieta,  
da esquerda

**THEREZA**—Quanta alegria n'esta casa! Já não ouço queixas dos rapazes; sinhô está mais manso. *(Pausa)* O que acho, na verdade, é que elle anda muito contrariado..

**ALFREDO** *(do fundo)* — Ah, tia Thereza, agora sim.

**THEREZA**—Ja forão visitar o dr. juiz de direito?

**ALFREDO**—N'este instante.

**THEREZA**—Então, meu filho, não te esqueceste da velha Thereza?! Hei de mandar fazera saia, que, me trouxeste, para vestir no dia que se declarar a liberdade, como se espera breve.

**ALFREDO**—Nunca esqueci-me, e não só iaiasinha como Julieta muitas vezes sentirão a ausencia de vocemecê.

**THEREZA**—Acredito; e por amor a todos é que ainda me encontraste aqui. Não sei si Julieta te contou o que os outros soffrerão.

**ALFREDO**—Já. *(Pausa)*. Se eu puder vou ainda libertar Silvestre, o companheiro, que tanto estimei. Não pensei que sinhô fosse capaz de tanta injustiça.

**THEREZA**—Ah, filho; assim que iaiasinha embarcou. Fazia dó ver todos amarrados, como porco, saindo da fazenda. Às lagrimas caíam-me... o coração doía-me, não sei como resisti! O feitor contente dava pressa a todos e a tudo.

**ALFREDO**—Que infame! Eu juro, tia Thereza, que, se não fosse estar casado e na companhia de iaiasinha, ja tinha dado uma sova n'este desgraçado.



**THEREZA**—Nem te lembres d'isto. Deus não perdôa os maus actos. O que sei dizer é que a vida de sinhô anda por um fio. O Marcos é vivo, porque Deus quer.

**ALFREDO**— O que me diz, tia Thereza? Elles ja tiverão noticia do que ha la pela côrte sobre escravidão?

**THEREZA**—Desconfio.

**JULIETTA** (*da esquerda*)—Estão se confessando?

**THEREZA**—Anda ca, minha filha...

**JULIETTA** (*interrompendo*)—Pensei que a coisa não fosse tão feia, como tia Thereza pintou, Alfredo. Pois a gente da fazenda não está toda armada para vir pedir providencias a iaiasinha?!

**ALFREDO**—Armados?! E para fallarem a iaiasinha é preciso se armarem?

**THEREZA** (*ao mesmo tempo*)--O que, minha filha?!

**JULIETTA**—Não é para desordens, não. Elles vêm se agarrar a ella para o feitor ser expulso; quem me disse foi Marianna.

**THEREZA**—Virgem Mãe de Deus!

**ALFREDO**—E quando é isto?

**JULIETTA**—Ignoro... Mas, parece-me que não tardão.

**THEREZA**—Misericordia! Eu não te disse, Alfredo?

**ALFREDO**—E' o que ja devião ter feito.

**JULIETTA**—Alfredo, o corrector não tarda; eu vi quando sinhô mandou chamal-o.

**ALFREDO**—Aquelle cynico?

## SCENA VI

Os mesmos e G. Corrêa, do fundo

**G. CORRÊA** (*ao entrar*)—O sr. coronel?

THEREZA—Não se demora; o sr. queira esperar.  
(*Alfredo e a esposa conversão*).

G. CORRÊA—E' bondade...

THEREZA—Vou já. Julietta, Alfredo, demorem-se um pouco. (*Sae pela direita*).

G. CORRÊA—Este é o vadio Alfredo?... Então já chegarão da côrte?

ALFREDO (*indifferente*)—Parece.

G. CORRÊA (*rindo-se*)—Ainda não tive o prazer de vel-os. (*Aparte*) Patife!

ALFREDO—Não interessa-lhe cousa alguma.

G. CORRÊA (*disfarçando*)—E' para felicital-os... (*aparte*). A tolinha nem responde. (*Pausa*) E como está ella *chic*?!

ALFREDO—Não devo encaral-o. Vamo-n'os, Julietta. (*Vão saindo*). Nada temos com este miseravel. (*Desapparecem pela esquerda*)

G. CORRÊA—Como ficão tolos estes moleques?! Ella pensa ser alguma dama de *honor*, só porque a iaia casou-a!.. Ha de se vêr tudo n'esta terra! (*Ri-se com escarneo*). Provavelmente serão da *Abolicionista*, do *F. do Nascimento*, do *Luiz Alvares*, do *José Bonifacio*, *E. Carigé*, ou do *Luiz Gama*... Dos *Cavalheiros do Bem* não são, porque estes só admittem individuos de côr preta. Mas devem saber fazer discursos abolicionistas... dar vivas ao cons. Dantas... fallar do barão de Cotegeipe... citar o cons. João Alfredo... applaudir o cons. A. Prado... gritar contra os escravagistas; estas cousas, que ouvem nos *meetings* e lêem nas gazetas abolicionistas e anarchistas.

THEREZA (*da direita*)—Onde está esta gente?! (*Disfarçando*). Sinhô não tarda.

G. CORRÊA—Está mais contente agora, tia Thereza?

**THEREZA**—E' verdade; gosto muito quando estão todos em casa.

**G. CORRÊA**—O Alfredo naturalmente é um dos taes abolicionistas... Estes moleques quando libertão-se...

**THEREZA**—Não entendo estas cousas, meu senhor.

**G. CORRÊA**—E' um partido de especuladores, que appareceu agora, dizendo que vae se acabar a escravidão.

**THEREZA**—Eu ca ja sou minha preta velha...

**G. CORRÊA**—E' que pensão ficar tudo livre sem dinheiro.

**THEREZA**—Estas cousas não entendo. Só sei cozer minha renda e crear minhas franguinhas. Ahi vem sinhô... Com licença. (*Sae pela esquerda*).

## SCENA VII

O mesmo, coronel Campos, da direita, e Marcos, do fundo

**CORONEL CAMPOS**—Vivo ancioso pelo amigo.

**MARCOS**—Chegou sempre!..

**G. CORRÊA**—Aqui estou, sr. coronel. Desejo sempre ser util a suas vontades, pois costume ser fiel aos bons amigos, especialmente a v. s.

**CORONEL CAMPOS**—Conheço e agradeço muito. (*Pausa*). Ja que nos achamos aqui, entremos em seria conversação. Conte-me, que diabruras são estas? Vivo aterrado... Não tenho animo para cousa alguma... Que politicos são os nossos?!

**MARCOS**—Isto é um escandalo! (*Curioso*). Eu não sei o que hão de fazer mais. Fugirão 30!

**G. CORRÊA**—Infelizmente é uma verdade. Todavia... (*Rindo-se*).

CORONEL CAMPOS (*ancioso*) — Dá-se geito?

MARCOS (*ao mesmo tempo*) — Pode-se negociar?

G. CORRÊA — A lei vigente é a do senador Saraiva, que não prejudica-nos.

CORONEL CAMPOS — Vamos bem.

MARCOS — A cousa não é tão feia...

G. CORRÊA — Também não é bonita. Não ha moleque de esquina que não seja abolicionista. A questão é de tempo ou de momento. Os escravos do centro refugião-se abertamente na capital... O acoitamento... historia da lei!... Só se lê na *Gazeta da Bahia* uns annuncios de que nenhum caso fazem os abolicionistas, menos os negros.

MARCOS — Com os diabos.

CORONEL CAMPOS — E como ha de ser? Pretendo vender ja os negros...

G. CORRÊA — Ja não vivo d'isso, e é tarde. Occupo-me em outras transacções. A imprensa abolicionista chamou-me de *capitão do matto, carniceiro, vendedor de gente, casten*, horrores, e não tenho necessidade de ser mais condemnado pela opinião publica. Os meus amigos começarão a repellir-me, e...

CORONEL CAMPOS (*interrompe*) — A' vista d'isto...

MARCOS (*aparte*) — Me parece que este jurou bandeira aos abolicionistas.

G. CORRÊA — Nada podemos fazer mais.

CORONEL CAMPOS (*desanimado*) — E morre a lavoura; porque as fazendas vão ficando desamparadas! Desejava pegar aqui o tal Carigé, o chefe dos acoitadores.

G. CORRÊA — Se não contractarem homens, como succede nas provincias emancipadas...

MARCOS — Não tenho confiança n'este serviço.

CORONEL CAMPOS (*furioso*) — Isto só a fogo! Que

paiz este, onde se arranca de seu dono o que possui! Que roubo escandaloso! Oh! E o governo consente?! A regente apoia?! Seus novos ministros defendem?!

G. CORRÊA—Estes são grandes abolicionistas, especialmente os Srs. Prado e J. Alfredo, que contão com poderosos elementos.

CORONEL CAMPOS—E' por isso que os negros estão insubordinados, não quer em trabalhar... A corrupção é do governo... Isto é um escandalo!...

MARCOS—Emquanto tivermos força, patrão, havemos de esfregal-os.

G. CORRÊA—Fogem e vão se queixar a policia, o que é peor.

CORONEL CAMPOS (*irritado*)—Com mil diabos! (*Pausa*) Pois, sr. Guedes, se lhe fôr possível descubra quem compre-me estes diabos; imagine um meio, não quero um só. (*Tira a carteira e gratifica-o*). Aqui está.

G. CORRÊA (*aparte*)—Não é mau. (*Alto*). Farei esforços, sr. coronel; ninguém mais que eu, sente a liquidação d'este negocio. (*Saindo pelo fundo*).

MARCOS (*não vendo-o mais*)—Eu sei!.. Elle parece que é um dos taes.

CORONEL CAMPOS—A que ficarei reduzido?! (*Sae pensativo pela direita*).

## SCENA VIII

Bruno, mais 40 escravos armados, depois Julietta, e depois D. M. Luiza

BRUNO (*á porta do fundo*)—Entrem. Hoje vamos decidir... A vida do feitor, ou então vamos embora. Não é possível que continue tanto rigor; a noite,

que Deus concede-nos para descanso, levamos no trabalho tendo duas horas de dormida, quando somos acordados debaixo de mangoal e dentadas de cães para voltarmos arriscados a tudo! Já não somos tão condemnados; na cidade ha sociedades, e o nome de doutor Carigé corre por toda parte. *(Pausa)*. Examinem as garruchas; pode ser que o feitor venha a nosso encontro, e... já sabem... nem Deus o salva. *(Reflecte, emquanto os outros correm as armas)*. Mas, iaiasinha, que protegeu Alfredo, deve escutar primeiro a todos nós; vamos implorar a ella; e se tivermos sua promessa nada faremos. Assentem-se. Estamos garantidos, temos força para resistencia.

GRUPO—Deus queira.

JULIETTA *(da esquerda)*—Ohé! Para que tantas armas? Eu já sei tudo que iaiasinha vac fazer por voceis; e porque esta imprudencia? Ella pode desconfiar que voceis querem matar sinhô, e...

GRUPO—Deus nos livre. A gente quer ouvir a promessa d'ella...

JULIETTA — Sinhô não está contente com ella, mas, que geito elle tem? *(Vendo-a á esquerda)* Vem ella alli.

D. M. LUIZA *(da esquerda)*—Que bôa gente escolhe-me para sua justa defeza!

GRUPO *(de pé)*—Iaiasinha... *(Alegre)*.

D. M. LUIZA *(alegre)*—Sei que vierão visitar-me.. *(Disfarça)*. Então, Bruno, és o chefe d'esta força? *(Pausa)*. Oh! Armarão-se contra mim?!

GRUPO—Deus nos livre...

D. M. LUIZA — Então, vamos ao que serve. Já sei o que querem.

BRUNO—Iaiasinha, estamos cansados de aturar o feitor, e se não houver uma providencia...

D. M. LUIZA—Não fação cousa alguma; nada se alcança com precipitação; não me compromettão. O crime de morte leva voceis todos a cadeia eternamente; e que liberdade é esta? E' prudente soffrerem mais um pouco; hão de me encontrar constantemente nos soffrimentos.

BRUNO—Na fazenda se castiga todos os dias...

D. M. LUIZA—Tomarei conta d'isto, prometto. Vão para o trabalho; papae, encontrando-os, dirá que aconselho mal a voceis. Acreditem no que lhes digo. Ha de se conseguir o que espero e quero.

BRUNO.—Deus ajude...

D. M. LUIZA—Não se demorem mais; meu marido e o dr. Lopes, o medico de casa, conversarão com papae e elle ha de concordar.

BRUNO—A gente se confia muito em vocemecê. *(Ao grupo)* Vamos trabalhar; iaiasinha é sempre boa p'ra quem pede sua protecção. *(Alegre)*.

D. M. LUIZA—Affirmo que papai ha de ser o melhor amigo de voceis.

GRUPO *(saindo pelo fundo)*—O Senhor do Bomfim permitta.

D. M. LUIZA *(até á porta)*—Não descansarei; voceis serão felizes e saberão me agradecer. *(Voltando ao palco)*. Triste condição!.. O escravo foi sempre o symbolo da angustia. Os affectos, que votão-me, significão odio, horror, que inspira a barbara feitoria da fazenda de papae. Que vergonha!

JULIETTA—E como iaiasinha arranja isto?

D. M. LUIZA *(ri-se)*—Facilmente, Julietta. Andaca. *(Saem pela esquerda)*

## SCENA IX

Drs. S. Lopes, Monteiro e Freitas, do fundo, depois o coronel Campos, da direita

Dr. MONTEIRO—Nunca tive a menor confiança no gabinete passado.

Dr. FREITAS—Nada de util conhecemos de tal gabinete.

Dr. S. LOPES—Equilibrou as questões de modo que as soluções forão se adiando. Entretanto o do sr. João Alfredo inspira vivissima confiança.

Dr. MONTEIRO—E' abolicionista...

Dr. FREITAS—Os senadores Saraiva, Dantas, Octaviano, C. de Oliveira, S. da Motta e outros não descansarão. A imprensa, as associações, os *meetings*, o exercito, a igreja, o povo não recuarão nos combates. O escravismo está a succumbir.

Dr. MONTEIRO—Estou de accordo; embora tenha sido o movel das derribadas ministeriaes.

Dr. S. LOPES—E' possivel; entretanto confio no actual gabinete; o cons. J. Alfredo é um estadista, que dispõe de patriotismo e perseverança.

Dr. MONTEIRO—A vontade nacional exige a prompta solução.

Dr. FREITAS—E' claro... E caberá a gloria ao partido liberal; que não tarda ao poder, se por ventura o gabinete do sr. cons. J. Alfredo não poder realizar.

Dr. S. LOPES (*interrompendo*)—Eliquida-se-ha tudo facilmente. (*Pausa*). Mas, é de crêr que o sr. J. Alfredo vença a batalha.

CORONEL CAMPOS (*da direita*)—Folgo muito em vê-lo por aqui, sr. dr. Que foi isto? (*Festivo*) Assentemo-nos...



Dr. FREITAS—Encontrei os amigos, que pretendião uma surpresa, quando vinha, em cumprimento do dever, visitar a exma. familia.

Dr. MONTEIRO—Certo de que são muitos os seus affazeres na comarca quiz poupar este incommodo...

Dr. S. LOPES—E' real...

CORONEL CAMPOS—Encontrarão-se então... (*Pausa*). E assim veio v. s. honrar esta choupana...

Dr. FREITAS—Vim receber provas de estima, que votão-me o sr. coronel e sua familia. (*Ao dr. Monteiro*) A exma. senhora?

## SCENA X

Os mesmos e D. M. Luiza, da esquerda

D. M. LUIZA — Com que contentamento venho fazer parte d'este gremio ! (*Ao juiz*) Tenho o prazer de cumprimentar a v. s.

Dr. FREITAS—Peço desculpa a v. ex. ; demorei em visital-a pelos serios trabalhos, que tenho a meu cargo.

Dr. MONTEIRO—Os amigos nunca tardão.

D. M. LUIZA—Vae muito adiantado o movimento abolicionista por nossa comarca ? Eis aqui ; brevemente abraçará papai, que pretende beneficiar os seus ultimos escravos.

CORONEL CAMPOS (*levantando-se*)—E o dr. tem recebido noticias sobre tal acontecimento ? (*Aparte*). Ja sei que vcu me vêr em serias difficuldades.

Dr. FREITAS — E' materia quasi vencida. (*A d. M. Luiza*). A nossa comarca vae manifestando-se sempre libertadora.

Dr. S. LOPES—Sou testemunha.

DR. MONTEIRO—Dou lhe sinceros parabens.

D. M. LUIZA—Então estamos a pisar n'uma comarca emancipada?!

DR. FREITAS — Confio n'isso. Restão apenas 400 escravos em fazendas.

D. M. LUIZA. — Papai dará o exemplo do Bem aos demais fazendeiros.

CORONEL CAMPOS (*aparte*) — Esta menina ha de me veixar todos os instantes...

DR. FREITAS (*ao mesmo tempo*)—Folgo muito...

D. M. LUIZA -- Hoje mesmo, quem sabe?

CORONEL CAMPOS (*espantado*) -- O que, minha filha?!

DR. S. LOPES (*ao mesmo tempo*) — Não se espera outro procedimento do sr. coronel.

DR. MONTEIRO — E' o que pode dar-se facilmente.

CORONEL CAMPOS — Mas... (*Aparte*). O que vão fazer elles?!

DR. FREITAS — Antecipo-lhe minhas congratulações, sr. coronel; o escravismo ja não pode ter adeptos, quando está prestes o banquete da civilisação.

D. M. LUIZA — Chegemos a um accordo, papai.

CORONEL CAMPOS (*aparte*) — Estes lettrados... (*Alto*). Falla, minha filha.

D. M. LUIZA — Papai não seria mais feliz tendo seus escravos por amigos dedicados, dando-lhes pedaços de terra e um terço do lucro em pagamento de seus serviços, libertando-os antecipadamente?

DR. FREITAS — A colonisação!.. Perfeitamente bem, minha senhora.

DR. S. LOPES — Que bonito exemplo para os fazendeiros!..

CORONEL CAMPOS — Mas... explica-te melhor...

E' verdade que elles sendo meus amigos a cousa vae bem.

D. M. LUIZA (*aos mais*) — Vae-se chegando. (*Ao pai*). Não conhece a colonia do coronel Caldas Britto?

CORONEL CAMPOS — Muito; mas, la só ha gente livre.

Dr. FREITAS — A colonia de Amargoza.

Dr. S. LOPES—O trabalho livre é o que engrandece, sr. coronel.

D. M. LUIZA (*ao mesmo tempo*)—E' o que restalhe fazer, papai. Liberte-os.

CORONEL CAMPOS (*reflecte*)—Na verdade...

Dr. FREITAS —Além de um acto philantropico, é uma excellente medida.

CORONEL CAMPOS (*aparte*)—Não é possivel que me enganem.

D. M. LUIZA—O que, papai, deve cuidar é em dispensar sua má feitoria, fonte de todo o descontentamento na fazenda; creia.

CORONEL CAMPOS (*descontente*) — O Marcos? Coitado! Morre á fome.

D. M. LUIZA—Elle mesmo, que não é seu amigo, papai. Deveria occultar-lhe o que ia dar-se; uma vez, porém, que a occasião é opportuna, declaro. Aqui, n'esta sala ouvi um grupo de seus escravos armados, que pedião-me providencias sob pena de matarem o Marcos e evadirem-se!

Dr. FREITAS—Que horror, sr. coronel!

D. M. LUIZA (*continúa*)—Aconselhei que não procedessem assim, compromettendo-me a terminar tanto desespero.

Dr. S. LOPES— Facto semelhante ao de frei Lucas, do convento do Carmo.

Dr. MONTEIRO—Isto é degradante...

DR. FREITAS—E a justiça tem o dever de punir. Cumpre tomar uma providencia, sr. coronel. (*Pausa*). E deante d'isto devo retirar-me já.

D. M. LUIZA—Não ha perigo, sr. dr. Pude tranquilisal-os, ouvirão-me.

DR. S. LOPES—V. Ex. é o anjo do Bem. Ja não me faz assombrar a serenidade de seu desempenho no horrivel dos perigos.

D. M. LUIZA—Agradecida, sr. dr. Invoco n'esses momentos uma fada de Deus, a que assisti com esses infelizes nos ultimos iustantes.

CORONEL CAMPOS (*triste*)—E' uma cruel verdade. (*Limpa os olhos*). Recordo-me bem.

DR. MONTEIRO — Uma senhora, que legou as mais sãs doutrinas de boa moral.

D. M. LUIZA (*continuando*) — Ella ensina-me a lutar, e por isso hei de vencer.

DR. FREITAS — Muito bem, minha senhora. Fui um constante admirador de suas grandes virtudes, e tive noticia d'esta ingrata verdade, que recorda v. ex.

D. M. LUIZA — E que significaria o morticínio na fazenda de papai ?

DR. MONTEIRO — O peiôr dos senhores...

CORONEL CAMPOS (*aparte*) — Que desgraça aguardava-se ? !

DR. FREITAS — Felizmente v. ex. evitou o mal ; sua palavra animadora curou o desespero dos desgraçados. Muito bem, minha senhora.

D. M. LUIZA—E agora a decisão de papai, que poderá ser dada aqui em regosijo nosso. Vamos libertar essa legião de martyres, que a lei começou a amparar. Olhe, o cons. Moura libertou seus ultimos escravos ; é um senhor de engenho, e assim

outros. Imite-lhes, papai, Deus lhe protegerá também.

CORONEL CAMPOS—E o capital empregado, minha filha?

Dr. S. LOPES (*aparte*)—Está vencida a batalha!

D. M. LUIZA (*ri-se*)—O capital? Já desapareceu, papae! Elles significão os juros d'esse capital, que forão seus paes; a vergonha nacional, nossa maldição.

Dr. FREITAS (*ao dr. Monteiro*)—Está vencido!

Dr. MONTEIRO—E assim teremos imitadores.

CORONEL CAMPOS (*reflecte*)—Sim!.. Está tudo decidido como queres, filha de minha alma. (*Movimento geral*).

D. M. LUIZA (*alegre*)—Então, papai, posso beijar agradecida sua mão bemfazeja?

CORONEL CAMPOS (*dá-lhe a mão*)—Rasgaste o negro manto, que escondeu meus bons principios por tantos annos! Estão libertos todos os meus escravos; e sê tu a estrella, que vá illuminar-lhes no escuro e horrivel caminho, por onde passão oppressos por uma instituição repulsiva, que abraçei crente.

Dr. S. LOPES (*abraçando-o*)—Muito bem, sr. coronel; assim procedem os homens de bem.

Dr. MONTEIRO—Permitte ao menos que beije tua mão na solemnidade de teu triumpho.

D. M. LUIZA (*dá-lhe a mão*)—Orgulho-me de seres meu grande auxiliar.

Dr. FREITAS—A emoção, que experimento, priva-me de testemunhar a v. ex. minha admiração. (*Ao coronel*) Ao sr. coronel Campos minhas felicitações; v. s. acaba de provar ao mundo social que não estava embrutecido por esse systema de opprobios.

D. M. LUIZA (*destacada dos mais*)—E Julietta? Alfredo? Tia Thereza? (*Pausa*) Oh! Porque não assistirão dos noventa e tres escravizados de papai a santa festa da redempção?!

## SCENA XI

Os mesmos e Julietta, depois Alfredo e Thereza

JULIETTA (*da esquerda, lendo*)—Não sei se ia iasi-nha leu isto! (*Com um Diario da Bahia lendo-os*) Oxentes!.. Eu nem reparei...

D. M. LUIZA—Estava afflicta por ti, Julietta. Antes de tudo vae chamar Alfredo e tia Thereza. (*Pausa*). O que lêste de bom? O que fallavas?

JULIETTA—Um facto horrivel em Ilheus. (*Entrega o Diario e vae saindo*) Vou vel-os ja.

CORONEL CAMPOS— O que ha?

D. M. LUIZA— O assassinato de uma escrava grávida em Ilhéus.

DR. S. LOPES— Será um auto de exumação feito pelo illustrado clinico Sá e Oliveira, ex-representante do 6.º districto na assembléa provincial?

D. M. LUIZA— Exactamente.

DR. MONTEIRO— Desconheço o crime.

DR. FREITAS— Um facto revoltante, que dá serio trabalho a justiça se investigal-o.

D. M. LUIZA—Que horror inspira o escravismo? (*Entrega o Diario ao marido*). E' o que pode practicar de vil e repulsivo um homem, que passa por civilizado.

DR. S. LOPES— O punhal do sicario não faria tanto.

DR. FREITAS (*ao mesmo tempo*)— O *cafre* não seria capaz de tanto.

DR. MONTEIRO— Uma escrava grávida, que seu

senhor, matou com um ponta-pé na verilha ! (*Deixando o Diário indignado*).

DR. S. LOPES — Felizmente existe em Ilhéus o dr. Pacheco de Mello, juiz honestissimo.

DR. FREITAS — Um dos mais serios apóstolos da justiça.

CORONEL CAMPOS — E acreditei! . . . E vivi d'esta vil instituição, minha filha !

D. M. LUIZA — O dr. Sá Oliveira é um clinico moralizado ; seria incapaz de expôr uma opinião falsa, o que se conhece por seus bons sentimentos.

JULIETTA — Aqui está Alfredo, iaiasinha ; tia Thereza ja vem.

ALFREDO (*a mulher*) — Alguma novidade ?

JULIETTA — Ainda não sei. (*Conversão*).

CORONEL CAMPOS — Seria melhor, Maricota, que fizesses um aviso ao feitor para mandar toda a gente aqui.

DR. MONTEIRO — Muito bem ; aqui ensaiou-se a festa do Bem ; deve ser n'esta sala o consorcio da Liberdade.

Todos — Muito bem.

D. M. LUIZA — Pois diz-lhes, Alfredo, que venhão sem demora vestidos como estiverem. O feitor acompanha-os.

ALFREDO (*sae pelo fundo*) — Vou ja, iaiasinha.

## SCENA XII

Os mesmos, Thereza, depois Marcos e 93 escravos, do fundo

THEREZA (*da esquerda*) — Iaiasinha chamou-me ?

D. M. LUIZA — Sim, tia Thereza ; lhe direi ja o que quero.

DR. FREITAS — Esta é a tia Thereza ?

THEREZA — Meu senhor... Nem reparei v. s...

DR. FREITAS — E' uma velha querida ; todos lhe gostão ; e é muito conhecida

D. M. LUIZA — A predilecta de mamãe. Devo-lhe todos os respeitos.

DR. FREITAS — Que edade tem, tia Thereza ?

THEREZA — Eu, meu senhor ? Tinha 6 annos quando a tropa entrou na cidade, sou filha de Cachoeira, fui vendida com 12 annos ao pae de sinhô, fui da fazenda, e depois da morte de sinhô velho vim com sinhá feito mucama, ella e sinhô me passarão a carta, e aqui estou cozendo minha renda e creando minhas gallinhas.

DR. FREITAS — Então conta 71 annos de edade ?..

D. M. LUIZA — Sempre forte, bonita e dedicada.

DR. FREITAS — Mais velha que todos nós, e talvez a mais sadia. É um povo grande o de Cachoeira.

D. M. LUIZA — E que me diz da Julietta, sr. dr. ? Já não lhe disse que casei-a na côrte ?

DR. FREITAS — Agora !

D. M. LUIZA — Pojs não... Não viu o portador, que foi á fazenda ? É um de nossos libertos, o seu marido.

DR. FREITAS — Parabens... Ignorava.

D. M. LUIZA — Nada perdeu na côrte... Conhece-a melhor que eu.

DR. FREITAS — V. Exa. tem tido gloriosissimos dias na tarefa do bem.

ALFREDO — Aqui estão todos. (*A' porta do fundo*).

D. M. LUIZA — Agora, tia Thereza.

MARCOS (*á porta do fundo*) — Alto ! (*Voltando-se aos mais*) Aqui estão os negros.

D. M. LUIZA (*com escarneo*) — Para que tanta altivez, sr. feitor, a seus irmãos ? Allie-se a nós e seja humanitario tambem. Os mercadores de carne hu-



mana vão ter mais um protesto, que papae acaba de fazer. O cambio tem decrescido (*A' porta*) Entrem, venhão ouvir dos labios de papae a consolação dos martyrios, que conheci, e que voceis tanto experimentarão. Papae, aqui estão os libertos de sua fazenda que sua generosidade acolheu. (*Todos, menos o coronel e o feitor, collocação os libertos em alas pelos sexos*).

**CORONEL CAMPOS**—O que se passa em meu espirito, minha bôa filha, é impossivel descrever. Tenho remorsos de ter possuido este bando de infelizes sob as mais atrozes leis do escravismo. Não fui um bom cidadão, não podia ter sido bom esposo, menos pae dedicado vivendo esquecido de que no regaço do captivo havia o sacratissimo amôr de paes, filhos e irmãos. Estou certo, entretanto, de que todos elles saberão perdoar-me. Confere-lhes o titulo, que devo-lhes.

**MARCOS** (*aparte*)—Que é isto, meu Deus? Este homem está doudo?!

**Dr. S. LOPES**—Brilhantemente, sr. coronel; v. s. acaba de affirmar a seus amigos a integridade de seu character.

**Dr. MONTEIRO**—Confere esta honra ao nosso digno juiz.

**Dr. FREITAS**—Nunca! A v. ex., mais que ninguém, compete o santo desempenho de tão nobilissima empreza. Não sei fazel-o.

**D. M. LUIZA**—Prefiro-o...

**Dr. FREITAS**—Oh! Permitta admiral-a no complexo de sua obra, já que não assisti sua edificação.

**D. M. LUIZA**—Agradeço muito; e, para que não tarde mais a festa do Bem, colloca-te junto a mim, Salustiana, enquanto Bruno ficará a par de papae. (*Collocão-se na posição*). Papae, somos acerrimos

inimigos do escravismo; por isso mesmo temos boas intenções. O homem, que até agora foi o maior algoz d'estes, que ouvem-nos, em vez de ser enxotado de seu lar, peço que fique como seu empregado particular. A necessidade, ás vezes, impõe actos, que não são legitimos; assim é que elle constituiu-se um demonio.

MARCOS—E' o que devia esperar de tão generosa senhora. (*Deixa pender a cabeça*).

D. M. LUIZA (*sem interromper-se*)—E agora, Salustiana, leva todas as mulheres, que aqui se achão o abraço, que te dou, por testemunho de tua liberdade e d'ellas, da mesma sorte que Bruno fará a todos os de seu sexo, assim que papai imitar-me. Tenho d'esta sorte realisado o que lhes prometti. (*Abração-se os quatro. Os libertos, ao passo que recebem o abraço, vão cercando d. M. Luiza ajoelhados, e ella levantando-os*).

DR. FREITAS—O espectaculo mais solemne, que hei assistido! (*Ao mesmo tempo*).

DR. MONTEIRO (*a Julietta e Alfredo*)—Olhem a velha como está pasma... Fica junto a ella, Julietta, sem que perceba-te. E' possivel que seja acommettida de uma syncope.

D. M. LUIZA (*depois de terminar*)—Agradeça a papai o que manifestei-lhe, sr. Marcos; conte commigo no que lhe fôr util, da mesma sorte que os libertos de hoje. (*Aos libertos*). Espero que sejam amigos de papai; em occasião opportuna cada um receberá sua carta; os que não separarem-se de mim e d'elle terão um pedaço de terra, e semanalmente o terço do que fizerem. Nada lhes falta; unão-se e sejam felizes, pois que na fazenda do coronel Campos não ha mais escravos.

UM LIBERTO—Nenhum se separa, iaiasinha.

MARCOS—Sr. coronel, meu patrão... meu pae... meu amigo. (*Beija-lhe a mão*).

DR. FREITAS — (*ao dr. Monteiro*)—Como exprime-se a conversão !

DR. MONTEIRO—Acredito. Agora, procuremos crear uma escola ; estes homens devem conhecer o livro, desde que hão de crear familias.

D. M. LUIZA—Certamente. E agora tenho a felicidade de estreitar papae, que acaba de perpetuar no seio social a santa memoria de minha mãe, votando a *troupe* de mercadores do sangue humano, cuja impureza lavou-se no Golgotha, o desprezo, que inspira. E terminei assim a grande tarefa libertando-se 93 infelizes !

CORONEL CAMPOS — Devo morrer tranquillo. (*Pausa*). Agora resta-me, filha de meu amor, tu que foste meu iris, pedir-te que me perdoes tambem para annunciar em breve a tua devotada mãe a sublime obra do Bem, que tão eloquentemente ensinaste-me ! (*Abraço-se*).

THEREZA, (*ajoelhando-se insensivelmente*)—Deus permittiu que ella sempre ouvisse do Ceu a minha supplica ! (*De joelhos*).

CAE O PANNO

FIM